



centro
de
documentação

RE(Arq)
8

5

INTRODUÇÃO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

De acordo com o programa curricular correspondente ao 6º ano do curso de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, o presente relatório corresponde a uma apreciação descritiva e sucinta do estágio efectuado no Atelier Quinto Andar - Arquitectura e Cenografia, decorrido entre os meses de Fevereiro e Julho de 1998.

A intenção de efectuar o estágio num atelier de cenografia prende-se a uma vontade de abordar uma das vertentes que a pluridisciplinaridade da Arquitectura comporta, como trabalho conjunto entre diferentes expressões de Arte num objectivo comum que é a representação de uma ideia.

Em analogia com a própria arquitectura, a cenografia apresenta-se com o propósito comum de concretizar um programa através dum conjunto transformado em matéria, utilizando matéria.

As questões base não diferem, sofisticam-se e sofisticam: todo um sistema de transformação -de materiais- no sentido de se concretizarem ideias que procurem novas respostas, soluções compostas de ensaios e experimentações sucessivas, inscritas no espaço e no tempo.

As intenções e objectivos relacionavam-se, assim, com a transformação dos materiais e a harmonização possível dos objectos, enquanto elementos constituintes da harmonização de uma ideia, de carácter elementar, que vive do componente comprimido entre formas, luz, materiais e cor, procurando reduzir essencial os recursos utilizados, possíveis de reutilizar.

Surgiram as questões, como base de investigação num atelier de Arquitectura e Cenografia:

Um projecto de Cenografia: em que consiste?


LICENCIATURA EM ARQUITECTURA

ANA RITA AGUIAR PEREIRA
numero mecanográfico 3066

FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



8990011973



centro de documentação

RE(ARQ)
8

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05898
(Centro de Documentação)

INTRODUÇÃO

De acordo com o programa curricular correspondente ao 6º ano do curso de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, o corrente relatório corresponde a uma apreciação descritiva e sucinta do estágio efectuado no Atelier Quinto Andar - Arquitectura e Cenografia, decorrido entre os meses de Fevereiro e Julho de 1998.

A intenção de efectuar o estágio num atelier de cenografia prendeu-se a uma vontade de abordar uma das vertentes que a pluridisciplinaridade da Arquitectura comporta, como trabalho conjunto entre diferentes expressões de Arte num objectivo comum que é a representação de uma ideia.

Em analogia com a própria arquitectura, a cenografia apresenta-se com o propósito comum de concretizar um programa através duma vontade, transformada em matéria, transformando matéria.

As questões base não diferem, sofisticam-se e sofisticam todo um sistema de transformação -de materiais- no sentido de se concretizarem ideias que procurem novas respostas, soluções compostas de ensaios e experimentações sucessivas, inscritas no espaço e no tempo.

As intenções e objectivos relacionavam-se, assim, com a transformação dos materiais e a transmutação possível dos objectos, enquanto elementos constituintes da formalização de uma ideia, de carácter efémero, que vive da componente compositiva entre formas, luz, materias e côr, procurando reduzir ao essencial os recursos utilizados, possiveis de reutilizar.

Surgiram as questões, como base de investigação num atelier de Arquitectura e Cenografia:

- Um projecto de Cenografia : em que consiste ?
- quais os objectivos ?
- como se define um programa de cenografia ?
- como se produz, quem produz,
- quem executa, quem vê ?
- As fases em que decorre, desde a obtenção do projecto,

até elaboração e concretização de uma ideia ?

As condicionantes : quais as contrapartidas

e restrições de ordem técnica e estética?

Os moldes em que se apresenta : as escalas e formatos de apresentação de um projecto ?

A materialização de uma ideia : a selecção dos materiais metodologia de execução, sistemas e técnicas de montagem, acabamentos.

Os reflexos que promove .o que se pretende transmitir ?

o reflexo como objectivo, no sentido de ser resposta da concretização a ideia.

Estimativas de custo da ideia e das ideias de efémero.

A colaboração num atelier de cenografia apresenta-se como uma sucinta descrição da minha participação no trabalho efectuado durante o tempo de estágio, distinguindo-se por capítulos, que correspondem aos títulos dos projectos em que participei no atelier, por ordem de elaboração.

O relatório inicia-se com uma breve descrição da entrevista, seguindo -se a descrição por capitulos, dos trabalhos de arquitectura e de cenografia, executados:

San Juan - Cenografia da peça de Max Aub

O Voo da Cegonha - Máquina de Peregrinar do Projecto Regular Diurno apresentado na Expo 98.

Remodelação em Prosperpina - Projecto de remodelação de dois apartamentos.

Stand Região Centro - Projecto para um Stand de carácter efémero

As longas Férias com Oliveira Salazar - Execução de uma maquete.

O relatório divide-se em sete capitulos distintos, apresentando uma reflexão final sobre as conclusões promovidas pelo estágio.

MAQUETE DA CENOGRAFIA

A ENTREVISTA

Apresentei a minha proposta de estágio numa entrevista no Atelier Quinto Andar - Arquitectura e Cenografia, na Rua Vale de Santo António nº 144, em Lisboa, ao arquitecto José Manuel Castanheira, coordenador e dinamizador do atelier, e docente da Faculdade de Arquitectura - U.T.L. nas disciplinas de Arquitectura e Cenografia, correspondentes ao segundo ano. Na entrevista foi-me dado a conhecer os trabalhos em curso, o teor dos projectos previstos e um catálogo dos trabalhos apresentados pelo arquitecto numa exposição realizada no Centro de Arte Moderna de Paris, em nome individual.

Ficou estabelecido que o horário não era fixo. E sem haver referência a qualquer tipo de remuneração, a entrevista deu-se por terminada.

Encontrava-se no atelier o então coordenador e quatro colaboradores: duas assistentes do arquitecto, sendo uma formada em Cenografia e a outra aluna da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, uma estagiária da Faculdade de Arquitectura do curso de Arquitectura de Interiores e um colaborador que operava em computador o projecto em curso, também ele aluno na Faculdade de Arquitectura no curso de Arquitectura de Interiores.

SAN JUAN

MAQUETE DA CENOGRAFIA

A entrada no atelier coincidiu com a execução da maquete da cenografia da peça San Juan de Max Aub, produção do Centro Dramático Nacional de Espanha, sendo que esta já se encontrava na fase de execução em Valência, e posteriormente apresentada no Teatro Maria Guerreiro, em Madrid e no Teatro Dona Maria II, em Lisboa.

Baseado na obra dramática de Max Aub, San Juan é um barco de carga utilizado para o transporte de cavalos, adaptado para o transporte de passageiros que encalha algures na costa da Asia Menor. A bordo viajam seiscentos judeus, que procuram durante três meses, um país de acolhimento no verão de 1938. Sendo, segundo o director da peça, a base da metáfora da imagem do mundo, «... do nosso mundo à deriva, condenado sem apelação e sem esperança.» (1)

A cenografia tinha por objectivo a simulação de um navio encalhado, formado por estruturas metálicas em tubo galvanizado que suportavam placas de aglomerado de madeira que simulavam o ferro do navio, desgastado, posteriormente pintada de modo a simular a ferrugem. O palco era formado por três plataformas elevatórias, hidráulicas, que se estendiam parcialmente até à área da plateia, num movimento programado de acordo com o ritmo de desenvolvimento da peça, simulando os movimentos do navio, ao mesmo tempo que, sobre uma tela de fundo - na realidade um écran digital - seriam projectadas "massas inquietas de cor". As plataformas hidráulicas compunham-se de estruturas metálicas revestidas de chapa metálica perfurada.

Iniciados os trabalhos de execução do cenário, varias alterações tiveram lugar, como foi a necessidade de retirar um piso à galeria existente, alterando a localização de uma ponte prevista no projecto inicial.

Uma vez prevista a apresentação da peça em três salas de espectáculo distintas, as dimensões exigiram uma revisão em termos de projecto e de execução, de modo a que o cenário respeitasse as medidas de cada uma das salas, e que facilitasse a sua montagem, desmontagem e transporte.

A execução da maquete foi dividida por fases, de modo a ser perceptível a estrutura das salas de espectáculo em si, de acordo com as restrições, dimensionamentos e regras de funcionamento que lhes eram inerentes, tendo-se

seguido a fase de execução das estruturas de acordo com o projecto de execução, elaborado em simultâneo com a maquete, que ia tomando forma, com a instalação das plataformas e acabamentos de simulação dos materiais e adereços, nos quais foram aplicadas as mesmas técnicas que na peça à escala real, de modo a termos um contacto mais directo com a aplicação de técnicas de simulação e simplificação de uma ideia projectual de cenografia.

A elaboração do trabalho passou também por várias experiências de possíveis percepções do público relativamente à encenação na sala de espectáculo, bem como na relação com o modelo executado, no que diz respeito à sua apresentação física, ângulos de visibilidade e invisibilidade e respectivo sistema de iluminação eléctrico que foi incorporado.

O modelo tridimensional da cenografia San Juan foi embalado e enviado para o local da estreia em Valência.

A proposta apresentava ainda mais e vários tipos de embalagem, aleatoriamente distribuídas pela máquina, que seria, assim, a base e veículo da linguagem do programa Peregrinar.

MÁQUINA DE PEREGRINAR

O referido estágio coincidiu, assim, com a fase de alterações, acompanhamento de obra e ensaios da máquina através de deslocações ao recinto de ensaios, em Coimbra.

As alterações feitas deveram-se à necessidade de habilitar o objecto, uma vez

Este projecto consistiu na concepção e execução de um dispositivo técnico para o Projecto Evento Regular Diurno, a ser apresentado no recinto da EXPO 98 - Exposição Mundial de Lisboa, que em 1996 convidou o arquitecto a participar no evento.

Com o título de "Peregrinação" pretendia-se um espectáculo-percurso de homenagem à transição do milénio, aos caminhos percorridos e a percorrer pela Humanidade e à água como suporte desses mesmos percursos. Em vários andamentos, catorze máquinas móveis, seriam apresentadas ao público, como suporte de uma coreografia dirigida por Vera Mantero, com a ideia comum da máquina como veículo, construção mecânica que utiliza processos inteligentes de transformação da força, fruto da vontade humana de agir sobre a matéria para dela se libertar.

A minha participação neste trabalho foi essencialmente ao nível do

A construção da máquina "o voo da cegonha" teve início no ano de 1998 em Mérida, Espanha, após um longo processo de reuniões particulares e de conjunto, para que fossem decididos parâmetros, projectos de ideias, orçamentos, aprovações de propostas e dos respectivos orçamentos apresentados. As assinaturas de contratos por parte das várias entidades responsáveis, resultaram na execução dum projecto para a construção do dispositivo apresentado à escala 1:100, elaborado no atelier, constituído por várias perspectivas e alçados numa imagem da máquina no programa de computador de três dimensões.

A máquina proposta previa cinco toneladas e meia de peso, dezasseis metros de comprimento, quatro metros de largura e nove em altura, sendo composta por um elemento vertical, no qual deslizava um elemento cegonha que atravessava a proposta, em extensão, embatendo numa esfera de grandes dimensões, localizada na extremidade oposta. A máquina, integralmente construída em metal apresentava tubos que percorriam e torneavam duas banheiras simetricamente colocadas no dispositivo, de quatro rodas úteis e mais duas que seriam colocadas aliatóricamente, uma vez que no local previsto, pelo projecto proposto, não permitiam a circulação da máquina no recinto, ultrapassando as medidas das vias do recinto do percurso.

A proposta apresentava ainda malas e vários tipos de embalagens, aleatoriamente distribuídas pela máquina, que seria, assim, a base e veículo da coreografia do programa Peregrinar.

O referente estágio coincidiu, assim, com a fase de alterações, acompanhamento de obra e ensaios da máquina através de deslocações ao recinto de ensaios, em Corroios.

As alterações feitas deveram-se à necessidade de habitar o objecto, uma vez que a coreografia incluía actores e figurinos. A pedido do encenador, foi marcada uma reunião no recinto de ensaios, traduzindo-se numa deslocação do arquitecto Castanheira e assistentes, de modo a ser previsto e concebido o acesso à máquina. A solução foi encontrada em plataformas metálicas colocadas perto das rodas traseiras, soldadas à estrutura existente.

A escala e aparência dos elementos cegonha também foi alterada, em várias deslocações de uma das colaboradoras do atelier, de modo a concordar com as peças desenhadas do projecto de execução apresentado.

As cores da máquina foram decididas, enquanto decorriam os ensaios numa outra deslocação do arquitecto, sendo que a estrutura metálica da esfera tomava um tom de azul metalizado, os tubos eram pintados de amarelo primário, as banheiras mantinham o branco, nos adereços predominava o preto e às malas correspondiam cores várias.

A minha participação neste trabalho foi essencialmente ao nível do acompanhamento da sua construção e das alterações que tiveram de ser feitas durante e após a execução do dispositivo, permitindo tomar contacto com o ambiente que se estabeleceu num projecto de nível internacional, envolvendo profissionais de várias especialidades, necessários para pôr em prática o projecto de representação diária no recinto da EXPO 98.

REMODELAÇÃO DE DOIS APARTAMENTOS EM PROSPERPINA

Prosperpina é o nome de uma localidade em Mérida, Espanha, que dá lugar a várias urbanizações de habitação e turismo, como era exemplo o projecto de remodelação de dois apartamentos que haviam sido entregues ao arquitecto, orientador do corrente estágio. Tal como tinha sido abordado na entrevista inicial, o projecto teria de ser executado, com alguma brevidade, de modo a que os processos legais decorressem e as obras pudessem tomar o seu início.

Com base no levantamento fotográfico, recolhido pelo arquitecto e com os desenhos enviados por fax, era possível elaborar uma base rigorosa das plantas correspondentes ao primeiro e segundo piso dum conjunto habitacional, até então integrados numa urbanização de sessenta e cinco apartamentos. Os faxes apresentavam reproduções de desenhos das plantas, sem escala, sem localização referenciada, parcialmente cotadas à mão, por parte do proprietário, permitindo um calculo, por analogia, das restantes dimensões através da regra de proporcionalidade directa. Juntamente com as bases descritas, foi-me entregue um memorando com uma extensa descrição dos objectivos e sugestões do proprietário, que se faziam acompanhar por várias pastas, divididas por temas, com páginas soltas de revistas, recolhidas e apresentadas por parte do interessado ao arquitecto.

Com uma escala em caracol exterior, de acesso a quatro apartamentos, as plantas apresentavam-se em tipologias semelhantes, dispostas em "L", compreendendo dois espaços divididos por um outro de casa de banho. Aos espaços de maiores dimensões, nas entradas dos pisos, correspondia uma zona de cozinha seguidas por uma lareira, que dava acesso ao espaço com vãos para o exterior. No piso inferior, existia uma varanda à volta desse espaço e no piso superior, o referido espaço encontrava-se exterior, em terraço, com um pilar estrutural que suspendia uma malha ortogonal, na cobertura. Através das fotografias percebia-se uma distribuição não regular dos vãos e volumes, com dimensões diferentes, que só se repetiam de bloco em bloco da referida urbanização.

As intenções do proprietário eram muitas e passavam por construir um novo acesso, no interior, ligando os dois apartamentos. Os existentes espaços de cozinha eram reduzidos para um único, transferido para a zona do quarto do piso inferior que ficava assim destinado às funções de estar e comer, enquanto o piso superior se organizava para em função dos dois quartos e escritório pretendidos.

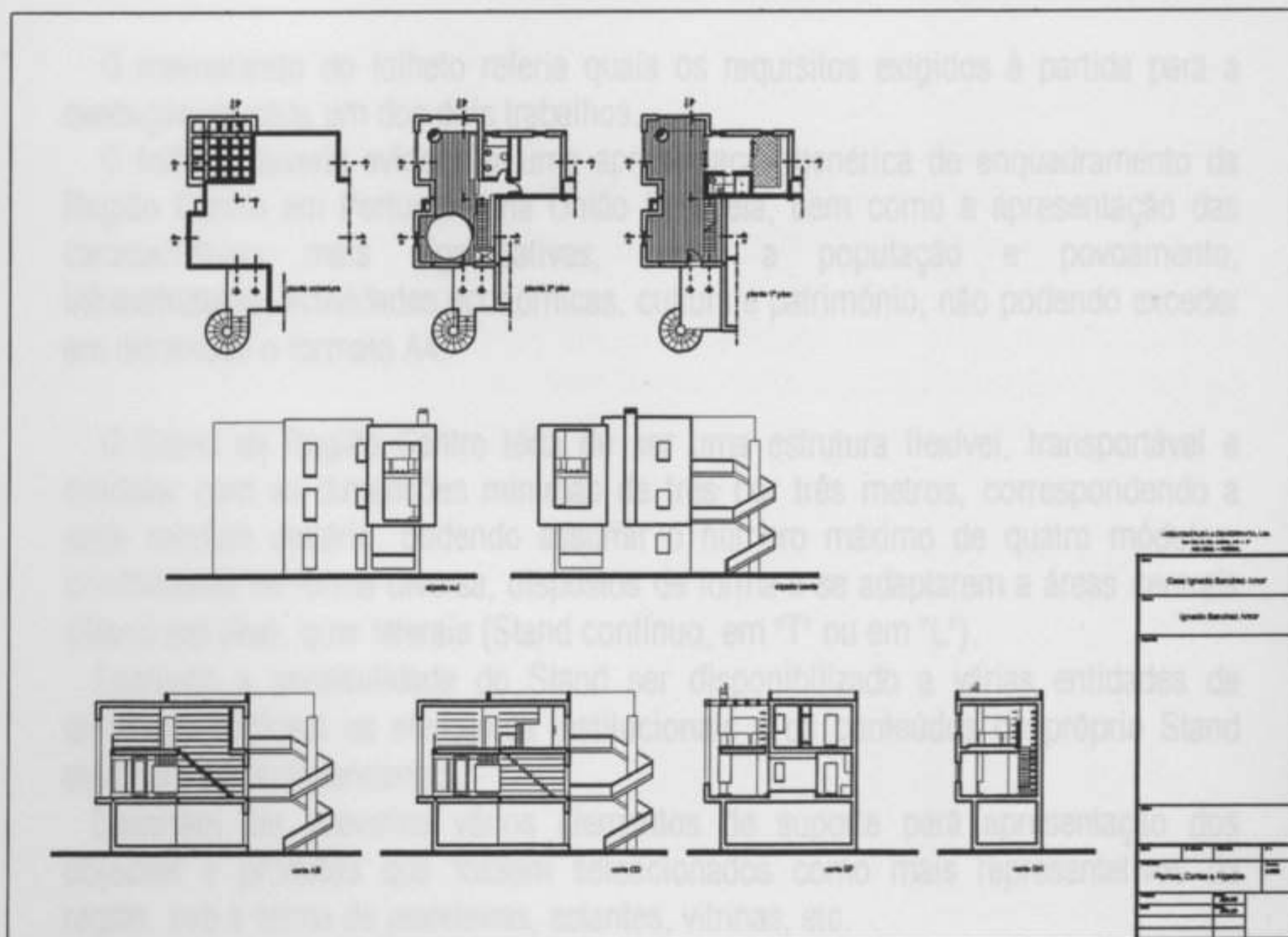
A introdução de um novo acesso nos apartamentos levantava várias questões, uma vez que era intenção do proprietário introduzir esse acesso na zona da chaminé das lareiras, substituindo-as por uma escada em caracol que rompia os alcaços, acrescentando um novo volume ao edifício. Uma vez que o acesso constituía uma exigência, foi enviado um novo fax, no sentido de se obter a planta de estruturas da urbanização, resposta ao qual foram enviadas as plantas de electricidade e o desenho do alçado sul, juntamente com uma resposta descritiva duma indicação do empreiteiro, na qual se podia concluir que os apartamentos eram construídos num sistema de pilar viga com as lajes aligeiradas por vigas no sentido norte-sul.

Elaborada uma maquete, apresentei uma proposta que incluía o acesso pretendido, com lamina suspensas numa viga encastrada na parede, fixa na viga estrutural do piso superior e inferior. A casa de banho do piso inferior era reduzida, aumentando o novo espaço destinado à cozinha. Mantendo os vãos existentes, de modo a que a proposta de alterações não entrasse em conflito com o edifício em que se inseria, a maquete apresentava ainda uma proposta de encerramento do espaço de terraço do piso superior, segundo o desenho da malha existente, que se prolongava da cobertura para os alçados, numa estrutura leve envidraçada.

Após várias reuniões com o orientador de estágio, ficava definida a proposta do arquitecto: As portas de entrada para os apartamentos eram desviadas para Este, dando acesso, no interior a uma estrutura metálica dobrada em "Z" que constituía uma peça única de quinze degraus fixos na viga do piso superior. Entre a parede e as escadas compreendiam-se prateleiras, encastradas, ocupando a área de parede do dois pisos na sua totalidade. A questão da optimização do espaço exterior encontrou solução com a introdução de um novo volume, assente na laje em balanço do piso inferior. Este volume propunha a construção em tijolo com caixilhos e planos de vidro a isolar os novos vãos. A malha ortogonal do terraço era encerrada, também com vidro, temperado, com uma inclinação mínima, que permitisse o escoamento das águas para a cobertura e escoamentos existentes. As lareiras existentes eram anuladas, com um pano em alvenaria de tijolo, rebocado e pintado, sendo propostas duas novas lareiras, anexadas ao pilar da estrutura correspondente aos antigos espaços exteriores. De modo a dissimular a necessidade estrutural do pilar, agora com tubos de ventilação da lareira, o conjunto era forrado a zinco, com chapas que assumiam uma forma circular em torno do pilar. A casa de banho do segundo piso mantinha a sua forma original, apresentando um rasgo no pavimento, exterior, do lado do novo volume, sendo o plano da parede integralmente preenchido com prateleiras similares as propostas no plano da entrada. A casa de banho do piso inferior alterava a sua disposição, constituindo um novo volume, encostado a uma parede interior do apartamento. Uma vez necessários os escoamentos e distribuições de águas desta nova divisão, intermédia entre os três pisos do edifício, o volume que correspondia à casa de

banho compreendia-se entre um estrado de trinta centímetros e um tecto falso com a mesma dimensão. O acesso a estes espaços era feito por duas molduras em ferro, móveis, com um sistema de calha metálica fixa no estrado e no tecto falso. A moldura apresentava na base inferior uma lâmina em ferro correspondente a um degrau de acesso à zona intermédia proposta. Entre o espaço de entrada e o espaço de cozinha compreendia-se, assim, a casa de banho e uma zona diferenciada, para comer ou estar. O pavimento proposto para os dois pisos era soalho de madeira corrido e no piso de cima era proposto um estrado circular com painéis móveis, proposta destinada à colocação da cama do cliente. No plano correspondente à zona de cozinhas do projecto original eram propostos dois vãos, com as medidas do vão existente no piso térreo.

Elaborada a proposta final, pelo arquitecto, em forma de esquiços sobre a base apresentada, foram elaborados, em computador, os desenhos correspondentes às plantas dos dois pisos e coberturas, bem como os alçados e quatro cortes. Os desenhos, impressos à escala um para cinquenta foram entregues ao arquitecto que por sua vez entregou ao cliente numa deslocação a Mérida.



STAND REGIÃO CENTRO

O projecto STAND REGIÃO CENTRO iniciou-se com a recepção de uma carta convite no dia 19 de Março da Comissão Regional, à participação num concurso de propostas de ideias para a concepção e produção de um folheto de apresentação da Região Centro e um Stand para a região, com o intuito de representarem e apresentarem a Região Centro em diversos eventos.

A carta convite incluía:

- Memorando para as propostas do folheto e do Stand.
- Pedido de proposta financeira, à qual correspondia o envio dos orçamentos independentes de concepção e execução de ambos os trabalhos.
- Promissórias de documentação necessária aquando do envio das propostas, sendo estas a cópia do número fiscal de contribuinte do Atelier e uma declaração de inexistência de dívidas ao fisco, bem como à segurança social dos últimos três anos.

O memorando do folheto referia quais os requisitos exigidos à partida para a execução de cada um dos dois trabalhos.

O folheto deveria evidenciar uma apresentação genérica de enquadramento da Região Centro em Portugal e na União Europeia, bem como a apresentação das características mais significativas, como a população e povoamento, infraestruturas, actividades económicas, cultura e património, não podendo exceder em dimensão o formato A4.

O Stand da Região Centro teria de ser uma estrutura flexível, transportável e modular com as dimensões mínimas de três por três metros, correspondendo a cada módulo unitário, podendo assumir o número máximo de quatro módulos, combináveis de forma diversa, dispostos de forma a se adaptarem a áreas centrais (Stand em ilha), quer laterais (Stand contínuo, em "T" ou em "L").

Existindo a possibilidade do Stand ser disponibilizado a várias entidades de dimensão regional os elementos institucionais e os conteúdos do próprio Stand deveriam ser independentes.

Deveriam ser previstos vários elementos de suporte para apresentação dos objectos e produtos que fossem seleccionados como mais representativos da região, sob a forma de prateleiras, estantes, vitrinas, etc.

A proposta deveria prever uma zona de armazenamento, apresentação de material audiovisual, vídeos, projectores, sistemas de computadores, etc. acessíveis ao público, contendo zonas de funções diferenciadas como zonas de eventuais reuniões, bem como vários espaços de apresentação de informação sob a forma de painéis.

Como base de apresentação e promoção de produtos cuja característica se apresentavam como desconhecidas, características físicas - dinâmicas, cor, os odores e texturas - bem como o desconhecimento relativo à quantidade e diversidade em que esses produtos seriam apresentados, a proposta consistia e viveu na articulação de formas simples, imagem suporte da informação a prestar. Da e Na língua Casara através de elementos da Região.

Um leque de possibilidades nas quais o espaço se apresentava através da articulação de diversos elementos-módulos, formas que resultavam em possíveis imagens através da própria região.

ELABORAÇÃO DO PROJECTO DO STAND

A proposta tinha, assim, uma primeira base:

Uma vez tomado conhecimento da carta, todos os elementos do Atelier efectuaram várias reuniões no intuito de serem estabelecidos objectivos e linhas condutoras para a elaboração dos projectos, de modo a possuírem entre si uma coerência formal e estética comum. Das reuniões concluiu-se que um dos elementos ficaria a cargo da elaboração do folheto, ficando os restantes encarregues da concepção do projecto do Stand.

Uma vez que não haviam sido concluídos pontos de referência significativos para o início do trabalho e qualquer atribuição de coordenação a nenhum dos colaboradores, por se ter verificado a indisponibilidade do orientador foi decidido a apresentação de propostas individuais, por parte dos vários colaboradores de modo a servirem de base de trabalho.

Após a elaboração das propostas, foi efectuada uma nova reunião com o orientador de estágio, Arq. Castanheira, sendo que a proposta por mim apresentada em modelo tridimensional articulável foi seleccionada numa posterior reunião.

PROPOSTA APRESENTADA PROJECTO STAND REGIÃO CENTRO

Como base de apresentação e promoção de produtos cujas características se apresentavam como desconhecidas, características físicas - dimensões, cor ou cores e texturas - bem como o desconhecimento relativo à quantidade e diversidade em que esses produtos seriam apresentados, a proposta consistia e vivia da articulação de formas simples, imagem suporte da informação a prestar Da e Na Região Centro através de elementos da Região.

Um leque de possibilidades nas quais o espaço se apresentava através da articulação de diversos elementos-módulos, formas que resultavam em possíveis imagens síntese da própria região.

A proposta tinha, assim, dois princípios base :

- A versatilidade a partir dos quatro módulos quadrados de três por três metros exigidos. As possíveis conjugações entre os quatro módulos e os elementos que os constituiriam, também estes modulares e articuláveis, possibilitando várias formas de apresentação. Os elementos seriam dispostos de modo a serem tão versáteis quanto a ambiguidade que o programa deixava transparecer.

- A utilização e aplicação de materias neutros e puros no sentido de serem matérias primas possíveis de obter na região à qual o trabalho correspondia, promovendo , assim, uma apresentação e representação mais directa, realista, conceptualmente mais correcta e consequentemente, mais concordante com o programa.

A proposta apresentava-se em módulos de malha regular estabelecida no pavimento, flutuante, fixo pela estrutura da malha que permitia encastrar elementos verticais - troncos de madeira - que existiam como base de suporte de outros elementos - painéis de suporte, bases de apoio a apresentações audiovisuais, projectores de luz - bem como dos objectos/ produtos a apresentar.

A estrutura metálica flexível compunha-se por peças de varas em ferro com um sistema de encaixe, travamento entre si e de suporte do pavimento, em peças tubulares que definiam o desnível da cota do stand. As peças tubulares em ferro regulavam a altura, com um sistema de travamento entre dois tubos encaixados, ao mesmo tempo que permitiam o encaixe e fixação dos toros em madeira envernizados, mantendo a cor natural, bem como a instalação de focos de luz, que seriam aplicados consoante as necessidades exigidas.

O pavimento propunha placas de fixação na estrutura metálica, em aglomerado de madeiras revestido a verniz ou revestidas por placas betuminosas sendo proposta a cor azul.

Como elementos de diferenciação de espaços e ambientes eram propostos planos curvos, forrados a linho e iluminados no interior, tendo sido apresentada a hipótese de concretizar o plano correspondente a um possível balcão, em pedra, lajes de pedra, ferro e vidro. Sendo que a proposta final foi apresentada com uma linguagem comum, entre planos, com um balcão em linho e uma chapa de xisto, não amaciada nas arestas, como tampo.

Os planos curvos apresentavam-se em estruturas modulares em ferro possíveis de se ligarem interiormente entre si, incorporando uma calha para o encaixe e fixação das peças de linho, reguláveis, contendo também um sistema simples de aplicação de cabos, reguláveis, no sentido vertical, como suporte de imagens ou painéis alusivos aos produtos a expor. As estruturas metálicas dos planos expositores seriam fixas na estrutura do pavimento.

Uma vez exigido espaço para armazenamento de produtos, tornou-se necessário introduzir elementos de mobiliário, articuláveis entre si e no espaço; volumes modulares, que permitissem conter e apresentar produtos, com a possibilidade de se encontrarem vazios, com subdivisões ou fechados, através duma aplicação móvel de tabuas-portas, com o intuito de não limitar ou condicionar o stand.

Eleita a proposta, foi decidida a execução duma maquete à escala 1/20, na qual todos os elementos participaram, até nova reunião, sendo que o pavimento em aglomerado, pintado em cor azul deixava de flutuar na estrutura proposta, passando o pavimento a caixas em contraplacado, perfuradas por peças tubulares

onde se encaixavam os elementos verticais e cujo revestimento ficava por decidir por falta de consenso.

Executada, a maquete é apresentada em reunião no atelier, no final do dia anterior ao dia da entrega, para que se procedesse a definição das várias propostas, previstas inicialmente; inerentes e exigidas pelo programa; para que se decidisse o tipo de acabamentos a propor, sendo que o revestimento do pavimento continuava por encontrar consenso entre a materialização da proposta inicial e as vontades apresentadas pelos vários elementos no grupo de trabalho, no sentido de ser introduzido um revestimento de linóleo ou similar. As propostas divergiram entre preencher totalmente a área de pavimento de linóleo, que seria assente nas caixas de contraplacado, com uma foto-reprodução aérea da região centro, o que implicava a introdução de uma base não neutra, em linóleo impresso; tendo sido colocada ainda a hipótese de fazer uma então denominada composição que resultava numa montagem e aplicação de pedaços de mapa, numa cor de fundo do pavimento em linóleo, o que significaria a introdução não só de texturas, como ainda implicava a selecção duma cor para o fundo; ou ainda a dissociação dos módulos com imagens de mapas escolhidos. A cada modulo correspondia uma imagem de mapas.

Uma vez que as intenções de alterar o pavimento eram crescentes e maioritárias apresentei a proposta de aplicar materiais mais primários, como revestimento nos vários módulos, como era exemplo a aplicação de lajetas em pedra ou cerâmica, a aplicação de um revestimento em tapetes de palha ou similar.

Uma vez presente o dinamizador do atelier foram assim tomadas as decisões anteriores à entrega do trabalho, das quais se concluiu a selecção dos materiais de execução e acabamentos, as cores e as várias texturas que seriam apresentadas no trabalho de um projecto que seria a base de apresentação de um programa - a apresentação de outros productos. Foi concluído, assim, que o pavimento seria apresentado em material linóleo ou similar, com a foto reprodução de um mapa, que na maquete correspondia a uma fotocópia a cores, de uma vista aérea dos Himalaias, em várias cores: oscilavam entre os vários tons de laranja, que se diluíam em rosa, contrastando com tons de azul, verde e castanho, que de alguma maneira existiam com a cor amarela. Textura esta que também acabou por servir de motivo de aplicação em todos os elementos de mobiliário, que deixavam de ser em madeiras para ostentarem o dito mapa de texturas, em todas as superfícies exteriores, sendo que o interior seria preto.

Alterados eram também os elementos verticais de alusão a uma possível imagem de floresta, que passaram assim a ser pintados de amarelo uma vez que segundo os presentes, o tom natural da madeira já destoava com a nova "visão" do STAND REGIÃO CENTRO. Os painéis de fixação de informação nos elementos verticais foram aprovados pelo orientador, ainda que fosse necessário, fazer uma

demonstração mais realista, donde todos os painéis foram integralmente forrados de informação.

Uma vez seleccionadas as várias propostas a apresentar, pelo Arquitecto, os colaboradores montaram-nas e fizeram o levantamento fotográfico. O Arquitecto rectificou a memória descritiva por mim elaborada e os honorários, à medida das novas alterações. Os desenhos em computador eram executados, também por mim, de modo a dar-se um envio por correio da proposta nesse mesmo dia.

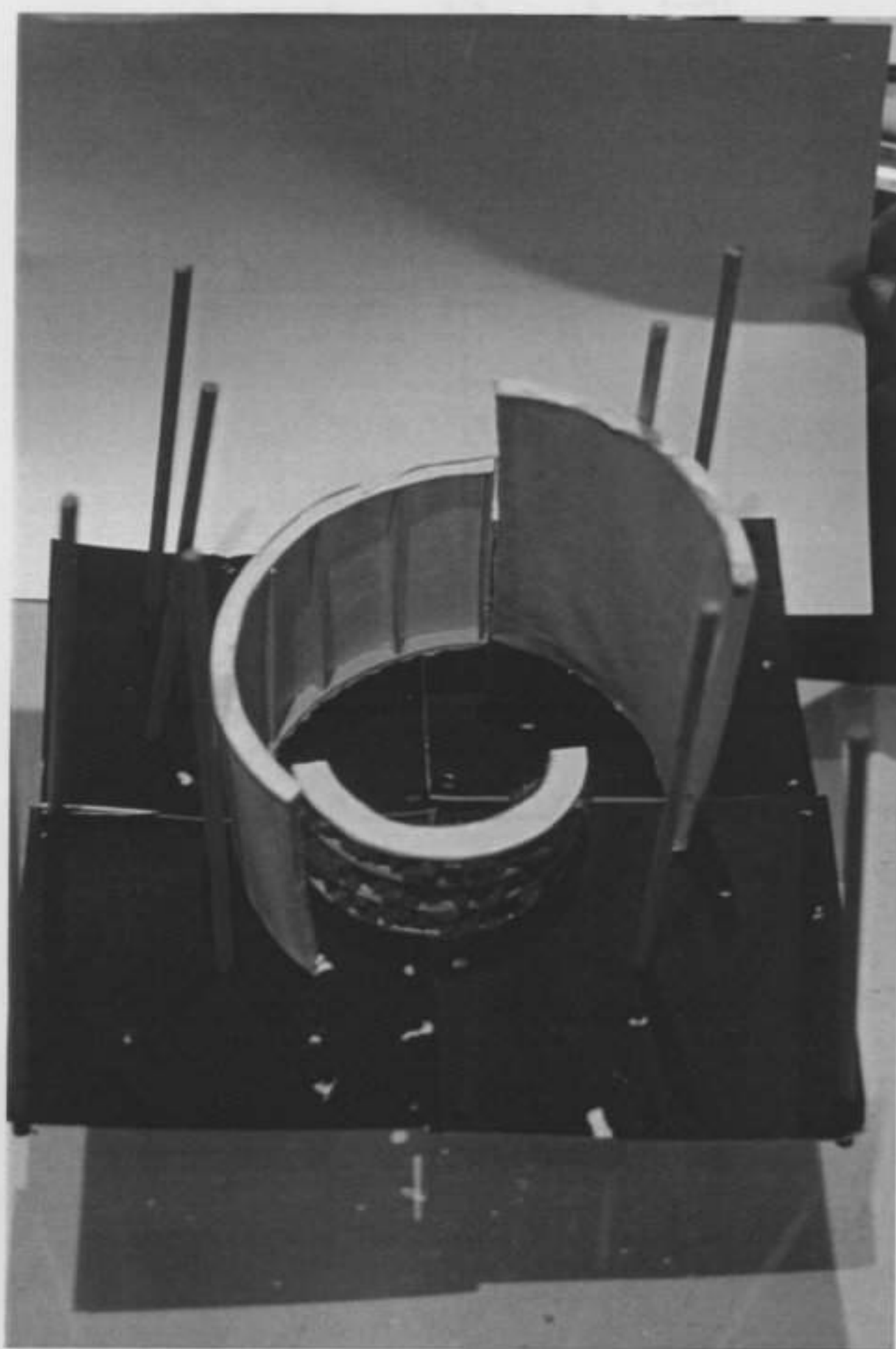
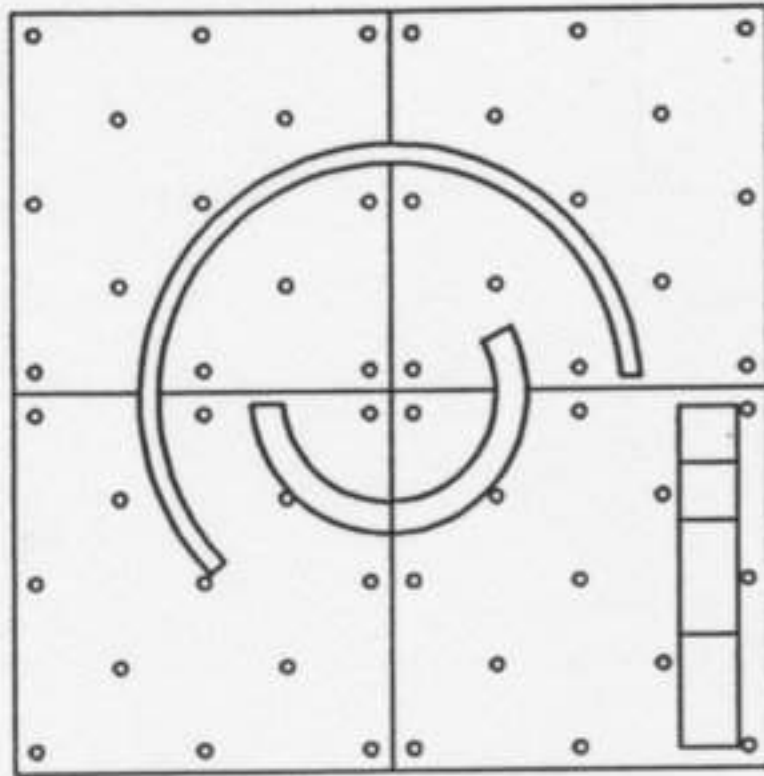
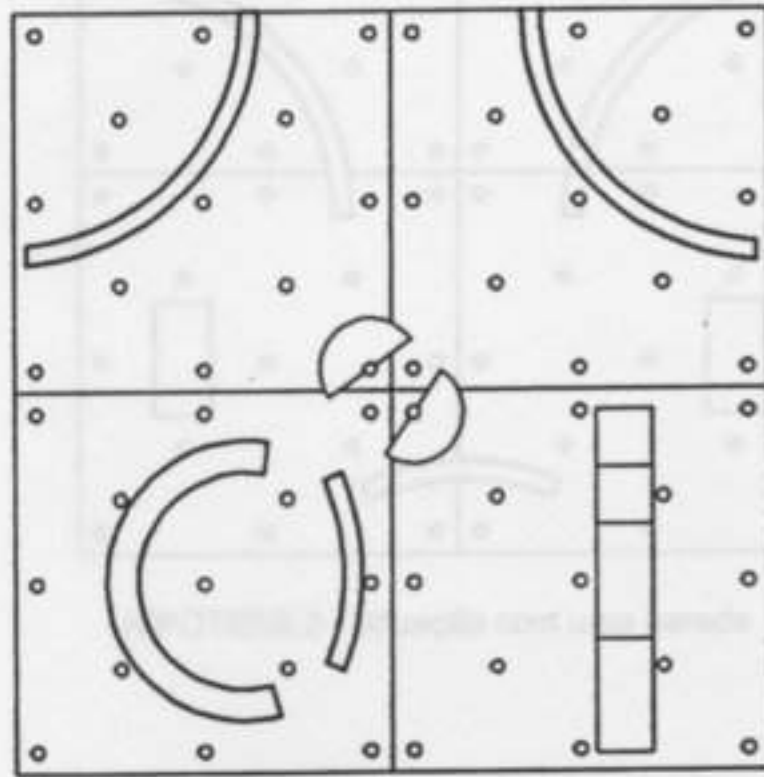


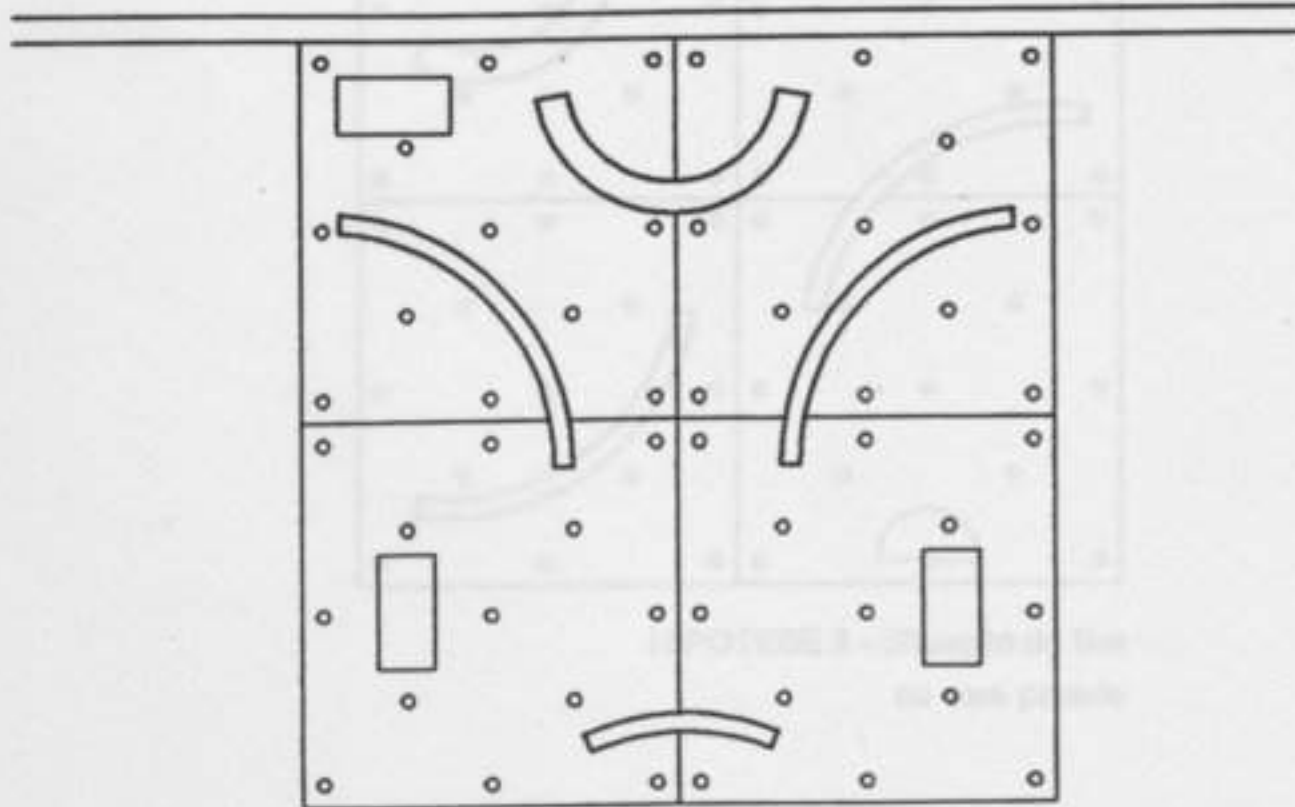
Imagem maquete inicial - base da proposta apresentada



PROPOSTA BASE- Situação de ilha



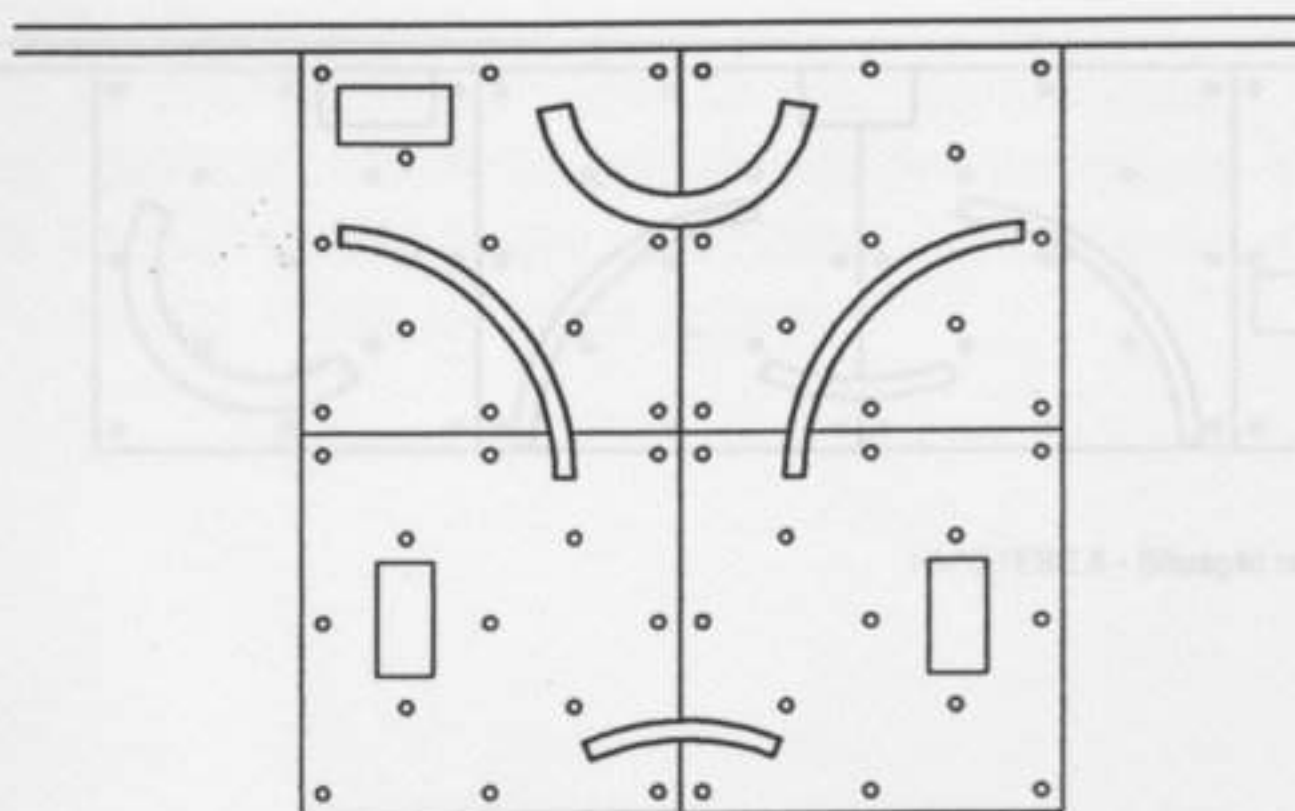
HIPOTESE 1 - Situação de ilha



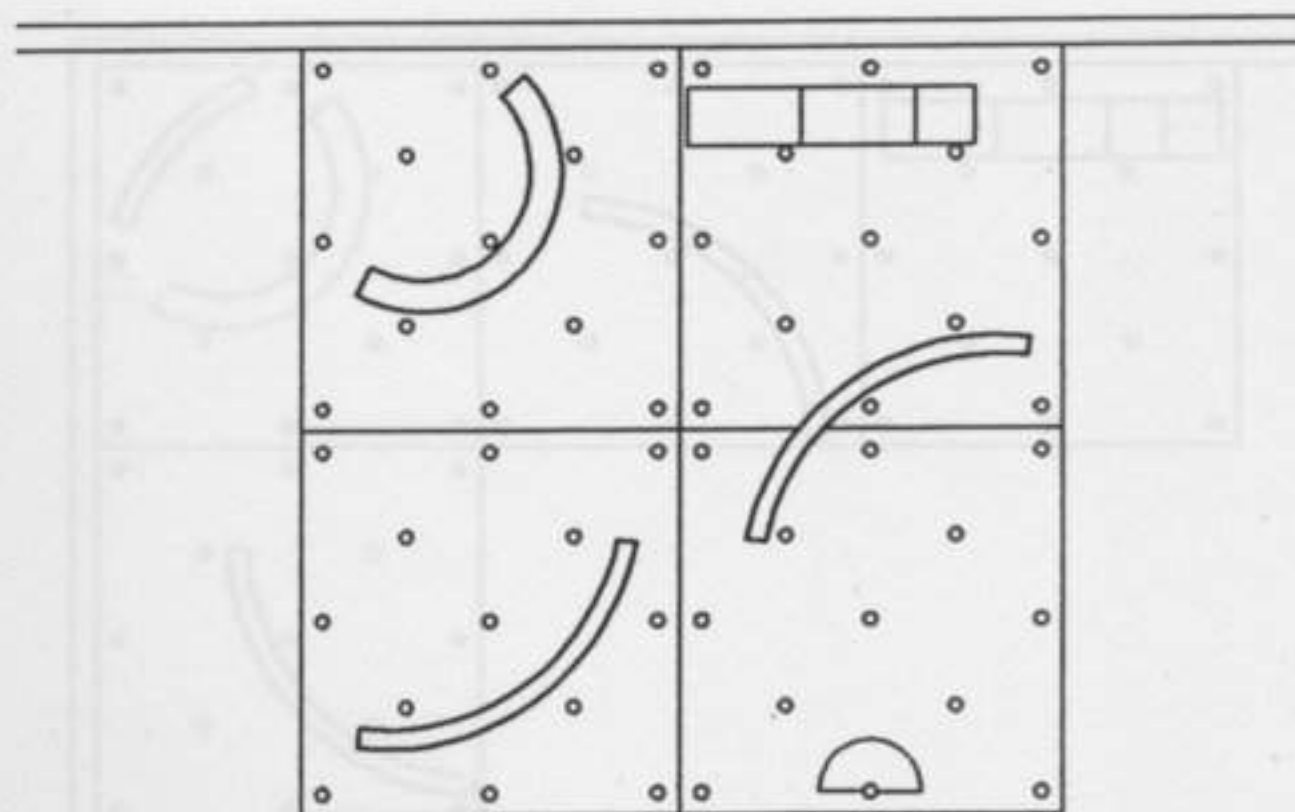
HIPOTESE 2 - Situação com uma parede



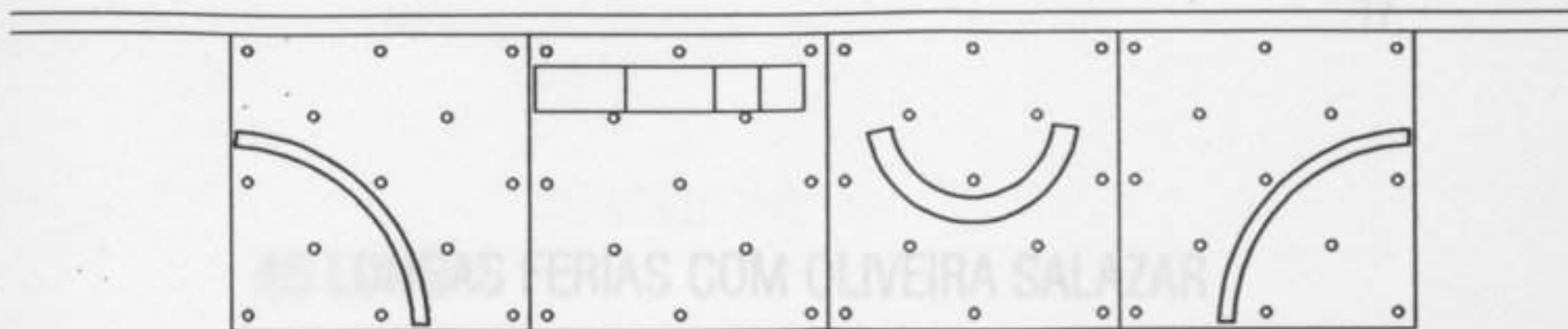
HIPÓTESE 1 - Situação com uma parede



HIPÓTESE 2 - Situação com uma parede



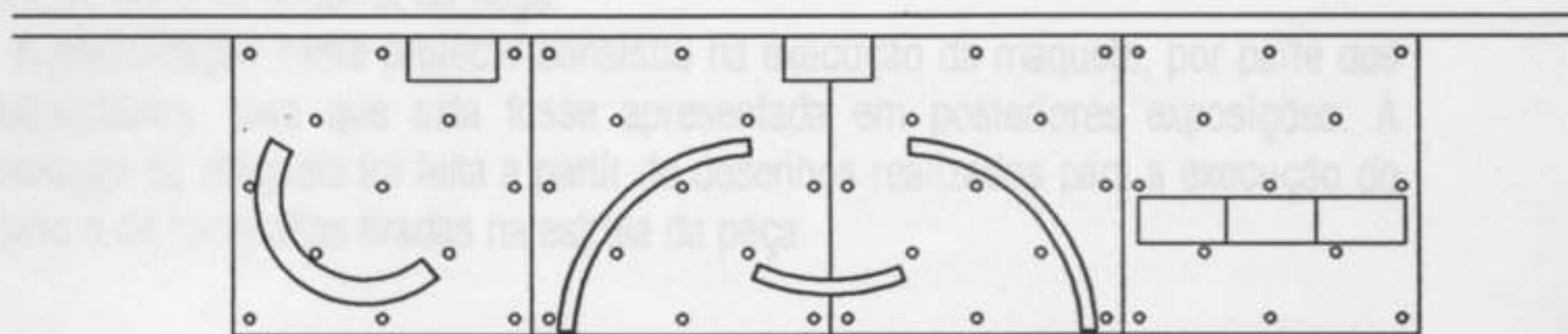
HIPÓTESE 3 - Situação de ilha ou com parede



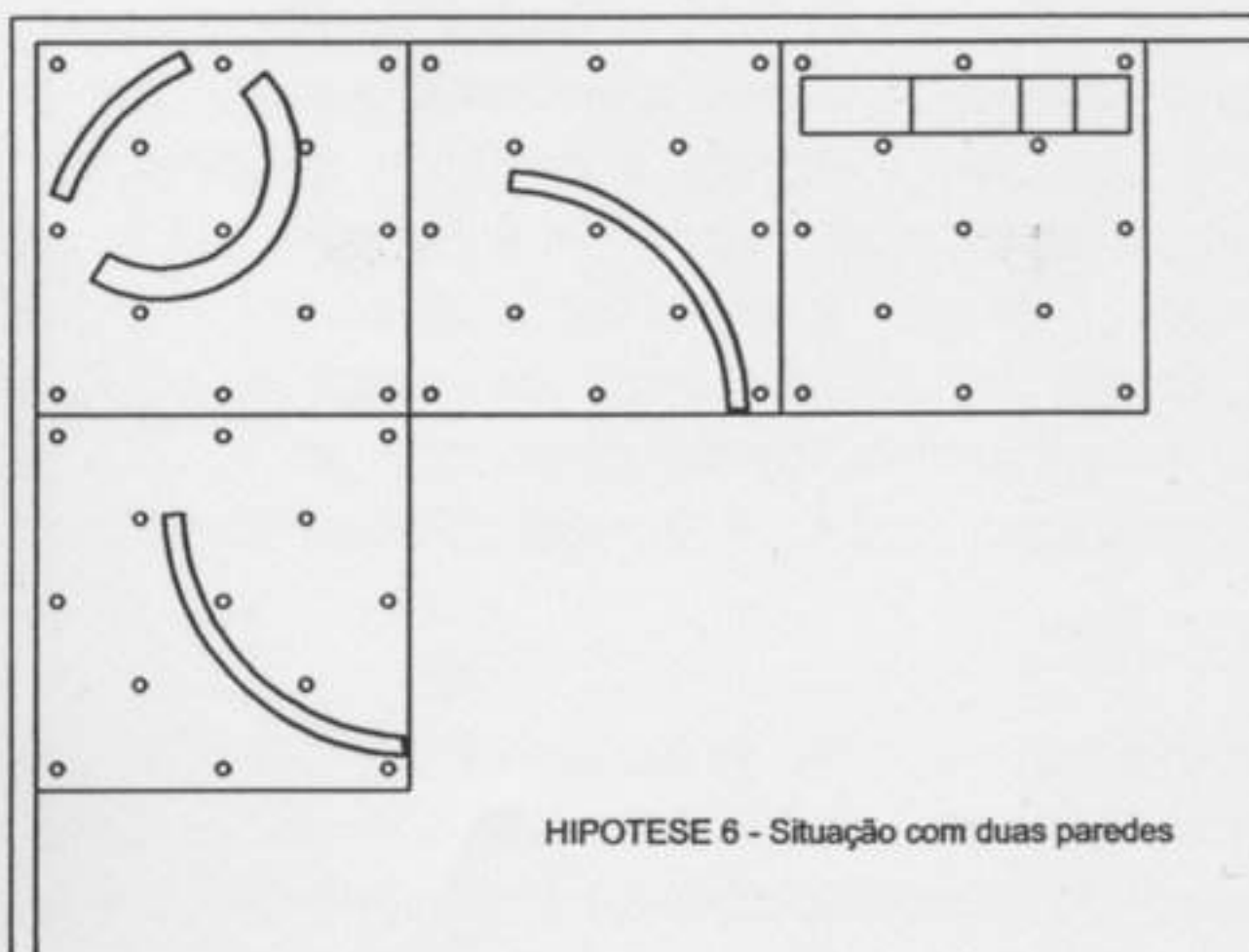
HIPOTESE 4 - Situação com uma parede

"As coisas boas com Oliveira Salazar" é uma peça escrita por Manuel António Pina sobre o cotidiano de Oliveira Salazar e a sua relação com a política.

O projeto apresenta-se num espaço limitado por três armários com divisórias móveis, alguns de objetos rinos, incluindo a presença de actores em vitrines. O trabalho é composto por caixas, em madeira, de formas diversas, suspensas no ar. As divisórias móveis correspondiam elementos de mobiliário que entram e saem do espaço de exposição.



HIPOTESE 5 - Situação com uma parede



HIPOTESE 6 - Situação com duas paredes

CONCLUSÃO

AS LONGAS FERIAS COM OLIVEIRA SALAZAR

" As longas férias com Oliveira Salazar " é uma peça escrita por Manuel Martinez Mediero que aborda o quotidiano de Oliveira Salazar e a sua relação com a governanta.

O cenário encerrava-se num espaço limitado por três armários, com divisórias móveis, repletos de objectos vários, incluindo a presença de actores em vitrines. O tecto era preenchido por cadeiras, em madeira, de formas diversas, suspensas no ar. Às divisórias móveis correspondiam elementos de mobiliário que entravam e saíam de cena no decorrer da peça.

A participação neste projecto consistiu na execução da maquete, por parte dos colaboradores, para que esta fosse apresentada em posteriores exposições. A elaboração da maquete foi feita a partir de desenhos realizados para a execução do cenário e de fotografias tiradas na estreia da peça.

CONCLUSÃO

A exploração do imaginário e do fantástico, através da ilusão só por si, promovida pela distância existente entre o objecto e o observador, no intuito de provocar emoções e ser atractiva aos olhos do grande público, revelou-se como a fórmula base dos trabalhos executados no atelier em que decorreu o presente estágio.

O meio em que se inscrevem os trabalhos de cenografia demonstrou-se pequeno e restrito, de acesso pouco claro para quem pretende, eventualmente, fazer carreira dessa vertente da arquitectura.

O processo em que se desenvolveram os projectos de cenografia compõem-se por várias fases, abaixo descritas.

Obtido o contrato de execução de um projecto de cenografia, várias reuniões tomam lugar com profissionais ligados ao espectáculo a entrar em cena. São eles o escritor da peça, o encenador e o producer, de modo a que a base da representação corresponda à ideia que se pretende transmitir ao público, segundo a verba disponibilizada para o efeito.

O projecto surge, assim, de acordo com as indicações fornecidas pelos técnicos, pelo guião da peça a encenar e segundo o espaço ou espaços em que vai ser apresentada. O que inclui vários parâmetros, desde as restrições técnicas de segurança dos actuantes aos assistentes, viabilidade de movimentação e articulação dos elementos que compõem a cenografia, visibilidade e invisibilidade dos vários elementos, segundo os múltiplos ângulos possíveis e a relevância que se pretende atingir.

A fase seguinte corresponde à materialização da intenção, que se pretende transmitir. A ideia é elaborada e desenvolvida através de esboços e modelos de experimentação até se atingir a coerência pretendida por parte de todos os intervenientes. Aprovada a proposta, é elaborado o projecto de execução, que é apresentado à produção de modo a ser entregue nas várias especialidades necessárias à sua construção (carpintaria, serralharia, tinturaria, electricidade, etc.). Com o acompanhamento de obra rectificam-se informações e altera-se o necessário para que a apresentação da peça corresponda ao pretendido.

A efectuação deste estágio apresentou-se útil para reconhecer que os aspectos mais importantes da cenografia passam pela capacidade de representar uma ideia, num espaço que se assume à distancia em relação ao observador, não


correspondendo à verdade dos materiais que me foi inculcido ao longo do curso de Arquitectura. Princípios que são de minha intenção manter e explorar, no sentido em que uma ideia deve ser apresentada e resultante duma coerência que também passa pela selecção dos materiais, da sua realidade e das conjugações possíveis de se obter através dos mesmos. Conclusão que foi possível com a observação e participação em trabalhos efectuados pelo atelier, com especial relevância no projecto do Stand Região Centro, que não sendo uma cenografia, mas antes, um projecto de arquitectura efémera, acabou por ser assumido com se de uma cenografia se tratasse. A proposta que apresentei inicialmente, inscrevia-se nos objectivos apresentados, no sentido em que os materiais assumiam várias utilizações durante a sua apresentação/exposição, servindo como possíveis bases de utilizações futuras, uma vez que recorriam ao mínimo de alterações dos próprios materiais permitindo a sua reconversão em novas aplicações. A transmutação proposta traduzia-se, assim, na optimização dos recursos de materiais, na execução e custos correspondentes. Consequentemente, valorizava a ideia, que era assim constituída por bases de novas ideias, para novos projectos ou simples aplicações.

Conclusiva foi também a necessidade inegável do mesmo nível de desenho rigoroso, incluindo um percurso detalhado de pormenores construtivos, levados até à escala de execução, bem como a existência de um caderno de encargos - partes constituintes de um bom projecto de arquitectura, que devem ser seguidos na elaboração e execução de um projecto de cenografia. O projecto deve apresentar uma descrição detalhada das peças que o constituem, sistemas e pontos de ligação, materiais utilizados, acabamentos, etc..

O acompanhamento de obra revelou-se fundamental, em cenografia, para que a concepção idealizada corresponda ao pretendido e para que as alterações que se verifiquem necessárias encontrem rápidas respostas.

O reconhecimento das funções específicas de cada um dos colaboradores revelou-se como componente essencial para o bom funcionamento de um atelier, especialmente na execução de trabalhos desenvolvidos em grupo. Cada elemento deve ter noção das suas tarefas e respeito pelo trabalho efectuado.

Descobri que a minha vocação não se enquadra em cenografia, como vertente de Arquitectura de carácter efémero, pelo menos nos moldes do atelier em que foi efectuado o corrente estágio.


 FACULDADE DE ARQUITECTURA
 05898
 (Centro de Documentação)



José Manuel Castanheira
Arquitecto

DECLARAÇÃO

Declaro que ANA RITA AGUIAR SOARES PEREIRA, portadora do B.I. 10268466 e nº mecanográfico 3066 da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, efectuou no Atelier Quinto Andar-Arquitectura e Cenografia o estágio de 5 meses, exigido pelo programa curricular correspondente ao 6º ano do curso de Arquitectura, ministrado pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa - Universidade Técnica de Lisboa.

Tendo-o iniciado a 11 de Fevereiro de 1998 e terminado a 11 de Julho do mesmo ano, venho declarar que a sua participação foi relevante no evoluir dos trabalhos em curso, neste atelier.

Participou e colaborou em vários projectos, quer na sua fase conceptual integrada em equipas, quer em outras fases sequenciais dos respectivos trabalhos. A sua actividade desdobrou-se em variada matéria interdisciplinar como é característica essencial deste atelier. São disso exemplo em Arquitectura o projecto de transformação de dois apartamentos em *Proserpina, Mérida-Espanha*, em Arquitectura efémera o projecto de um stand para exposições mutável para a *CCRCentro*, na Cenografia teatral a participação nas obras *Longas Férias com Oliveira Salazar de M. Martinez Mediero* (produção de Castelo Branco-Capital do Teatro) e *San Juan de Max Aub* (produção do Centro Dramático Nacional de Espanha) e, ainda, a colaboração prestada na realização da Máquina de Cena, *O Voo da Cegonha*, parte integrante do espectáculo *Peregrinação da EXPO 98/Lisboa*.

Considero que a prestação desta estagiária é notável e que de facto as suas capacidades se revelaram merecedoras de obtenção da Licenciatura de Arquitectura.

Atelier Quinto Andar
José Manuel Castanheira
Arquitectura e Cenografia
Rua Vale de Sto. António, 144 - 5.º
1170 LISBOA - PORTUGAL
Tel./Fax: (01) 813 21 88
Cont. N.º 503 735 228

